

J K CHAMOU E ELE TOPOU O DESAFIO. QUERIA VENCER

As barbas de AETE de Paiva Silva, 66 anos, têm múltiplos significados. São barbas de um comunista à moda antiga. De um avô de 26 netos. De um papai-noel que há oito anos presenteia com alegria as crianças de Brazlândia. De um pioneiro que se orgulha de ter conhecido Juscelino Kubitschek.

Não foi à toa que Gildete, a cozinheira piauiense, recomendou que ele não pode deixar de ser ouvido, quando o assunto é Brasília. Aete chegou ao Distrito Federal no dia 20 de fevereiro de 1959. Um ano, dois meses e um dia antes da inauguração da nova capital, como ele bem gosta de lembrar.

Aete veio do Rio Grande do Norte, atraído pelo discurso envolvente do presidente bossa-nova. "Ouvi o chamado de Juscelino pelo rádio. Ele dizia que ia entrar numa aventura para vencer. O presidente pediu que os nordestinos que quisessem vencer com ele viessem para Brasília."

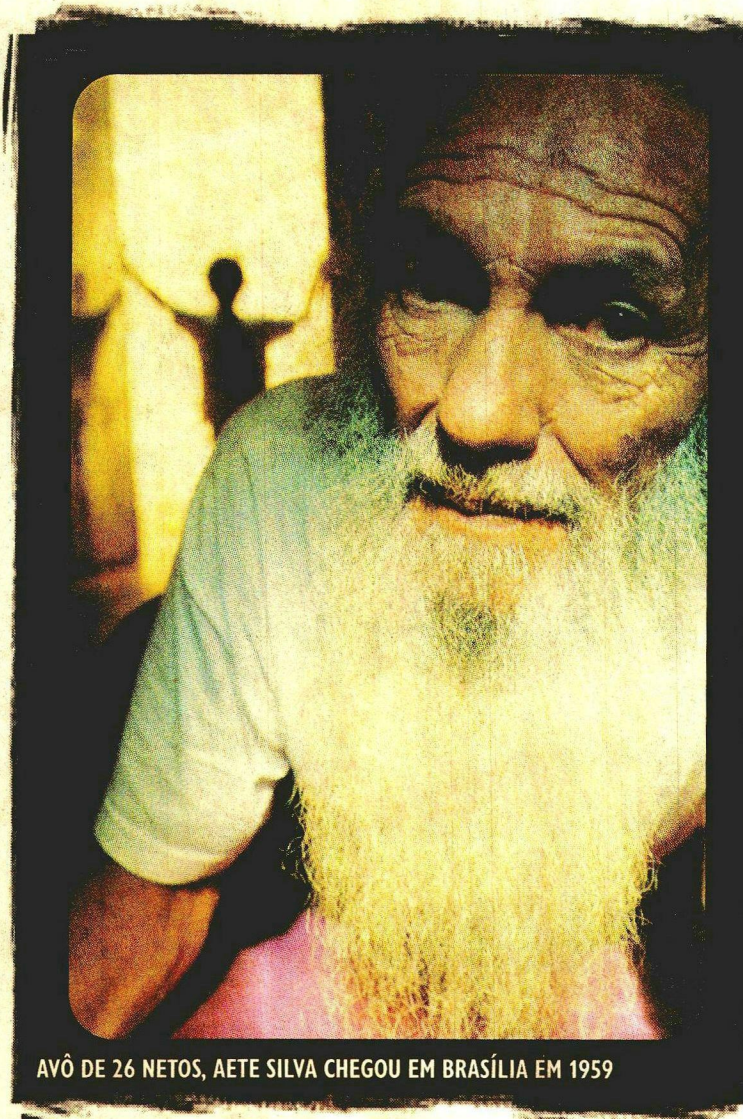
Aete queria vencer. Largou a estrada de ferro onde trabalhava como ajudante de serralheiro e topou o desafio. Foi, antes, para São Paulo — ao lado do pai, na boléia de um caminhão. Tentou gostar de lá. Mas desistiu, depois de um mês. Fez as malas e, num ônibus, entrou no Planalto Central.

O primeiro emprego na capital que nascia foi de motorista. Pouco tempo depois, Aete mudou de ramo. Passou a fazer manutenção de elevadores. Trocava correntes e polias estragadas. Azeitava os grajaus de ferro em que os **CANDANGOS** escalavam prédios de paredes nuas.

Foi numa dessas idas e vindas que conheceu Juscelino Kubitschek. Aete tomava café num canteiro de obras quando o presidente chegou, muito falante e sorridente. Parou ao lado do candango e perguntou:

— Posso dar um golinho aí?

Aete nem titubeou. Perdeu o copo de café, mas ganhou uma boa história para contar. "Juscelino Kubitschek tomou café no meu copo, meu filho. Aquilo sim, era um homem sério. Conversava com todo mundo. Subia em riba dos prédios, guiava caminhão, dirigia até trator. O presidente gostava do povo trabalhador", garante.



AVÔ DE 26 NETOS, AETE SILVA CHEGOU EM BRASÍLIA EM 1959

CANDANGOS. Eles carregam o rótulo de candangos pioneiros, o que lhes confere o mais alto grau de distinção na referência histórica de Brasília. O título é motivo de orgulho e já separou representantes ilustres da linhagem candanga. Em 1992, dissidentes do Clube dos Pioneiros de Brasília fundaram a Associação dos Candangos Pioneiros de Brasília, que é presidida por Ernesto Silva e só aceita como sócios quem chegou antes de 1960. O Clube tem como presidente Frederico Monteiro e admite vários tipos de pioneiros. Cerca de cinco mil candangos moram na cidade. Vieram principalmente de Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Nordeste. Associação dos Candangos de Brasília: 443-4806; Clube dos Pioneiros de Brasília: 321-1838, 223-1031.

No bolso da calça puída, Aete traz a prova de que é pioneiro legítimo: a carteirinha nº 535 da Associação dos Candangos Pioneiros de Brasília. "Eu ajudei a construir a cidade onde você mora", orgulha-se.

Aete só tem um desgosto na vida: não morar no Plano Piloto. "Trabalhei dia e noite, na esperança de ganhar um lote por lá, depois da inauguração da cidade." Mas não ganhou. Ele vive em Brazlândia, na casa que a mulher deixou antes de ir embora para Minas Gerais. A casa não tem luxos: são paredes sujas, móveis empoeirados, teto úmido e geladeira vazia.

Quando não está em casa ou na oficina do filho mais velho, Aete é presença garantida na Sociedade Esportiva Brazlândia. Ele presta serviços voluntários ao clube de coração, que lidera o campeonato brasileiro. Durante os treinos do time, Aete distribui frutas e água mineral entre os jogadores.

Mas ele também costuma distribuir puxões de orelha. Quando o time não vai bem, o pioneiro chama os atletas num canto e dá dicas de como melhorar a qualidade.

Aete só não reclama do goleiro Ronaldo Aranha:

— Esse aqui é o ídolo da torcida azul e branca. Não precisa de retoques.